



## Do nascimento aos primeiros anos de vida: um olhar sobre a infância no Egito do Reino Médio (c. 2040-1640 a. C.)

Liliane Cristina Coelho  
Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** Entre os egípcios o nascimento era visto como um momento crítico tanto para a mãe quanto para a criança, assim como os primeiros anos de vida eram essenciais para a sobrevivência do pequeno indivíduo. Acreditava-se que seres malignos poderiam se aproximar, resultando na morte da mãe, do bebê ou de ambos, e a má nutrição poderia trazer doenças ou mesmo causar a morte. Alguns artefatos que geralmente são associados por egiptólogos a tais etapas do desenvolvimento, especialmente de natureza mágica, foram recuperados tanto no contexto doméstico quanto no funerário e podem nos ajudar a entender como os egípcios procuravam por proteção nessas fases da vida. Nosso objetivo neste artigo é compreender, por meio da análise de tais objetos, como os egípcios se preparavam para o nascimento, bem como buscavam garantir a proteção da mãe e da criança nesse momento crítico e nos primeiros anos que o seguiam, mais especificamente no período conhecido como Reino Médio (c.2040-1640 a.C.).

## From birth to the first years of life: a look at childhood in Middle Kingdom Egypt (c. 2040-1640 BC)

**Abstract:** Among the Egyptians the birth was seen as a critical moment for both the mother and the child, as well as the first years of life were essential to the survival of small individual. It was believed that evil could get close, resulting in the death of mother, baby or both, and malnutrition could bring illness or even cause death. Some artifacts that are usually associated by Egyptologists to these stages of development, especially magical in nature, were recovered both domestic and in the funerary context and can help us to understand how the Egyptians sought for protection in these phases of life. Our aim in this paper is to understand, through analysis of such objects, how the Egyptians were preparing for the birth, as well as seeking to ensure the protection of mother and child at this critical time and the first years that followed it, more specifically in the period known as the Middle Kingdom (c.2040-1640 BC).

\*\*\*



## Introdução

Em todas as sociedades, antigas ou contemporâneas, o nascimento representa um momento crítico tanto para a mãe quanto para a criança. Para a mulher, é o instante do “tornar-se mãe”, perigoso devido às complicações que podem surgir em decorrência do parto. Para a criança, é o tempo de “vir ao mundo”, de deixar a proteção e a estabilidade do ventre materno e passar a ter as sensações de frio e calor, fome e medo. O nascimento é, então, um “ritual de passagem”, e por isso é cercado de cuidados e prevenções, que incluem objetos e pessoas preparadas para auxiliar a mãe e a criança.

Na Antropologia, um ritual de passagem ocorre em um momento de ruptura, ou de transição de uma condição social para outra. Geralmente, estes momentos estão relacionados a mudanças físico-biológicas e possuem tratamentos diferenciados de uma sociedade para outra. Sua estrutura em geral é tripartite: num primeiro momento, o indivíduo ou os indivíduos que passarão pelo ritual são separados do restante da sociedade. Em seguida, ocorre o ritual propriamente dito e, por último, as pessoas que passaram pelos ritos são reintegradas à sociedade (FLORENZANO, 1996: 7). No caso do nascimento no Egito antigo, por exemplo, num primeiro momento a mãe é separada da família, retirando-se para o local onde ocorrerá o parto. Em seguida, ocorre o nascimento propriamente dito e, por último, após um período de purificação, a mulher e a criança são reintegradas à família.

Em sociedades como a egípcia sobreviver aos primeiros anos também era um desafio. Tanto a mortalidade infantil quanto a materna, no momento do parto ou por problemas decorrentes de sua realização, eram grandes. Alguns artefatos relacionados ao nascimento e aos primeiros anos de vida, recuperados em contextos funerários e domésticos, no entanto, nos auxiliam para uma melhor compreensão desses momentos. O objetivo deste artigo, então, é entender, por meio da cultura material, como os egípcios antigos se preparavam para o nascimento, bem como buscavam garantir a proteção da mãe e da criança nesse momento crítico e nos primeiros anos que o seguiam, mais especificamente no período conhecido como Reino Médio (c.2040-1640 a. C.).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As datas seguem a cronologia proposta por BAINES and MÁLEK, 1996: 36.



## O nascimento no Egito antigo

Poucas são as fontes, dentre escritas, iconográficas e arqueológicas, que aludem ao nascimento no antigo Egito. Com relação aos documentos escritos, há um conto, presente no papiro Westcar<sup>2</sup> e datado possivelmente do Reino Médio, no qual está registrada a história de uma mulher chamada Reddjedet, que daria à luz trigêmeos que, por ordem divina, seriam os três primeiros faraós da V Dinastia (reinantes de 2465 a 2426 a. C.). O deus Ra, preocupado com a saúde e sobrevivência das crianças, enviou o deus Khnum em frente às deusas Ísis, Néftis, Meskhenet e Heket para auxiliar Reddjedet no momento do parto. As deusas então se disfarçaram como dançarinas e musicistas, enquanto Khnum carregava os seus pertences. Quando chegaram à casa de Reddjedet foram recebidas por seu marido, Rauser, que as acompanhou até o quarto onde estava a mulher e as deixou junto à esposa. Ísis então se posicionou em frente à Reddjedet e Néftis atrás dela, para auxiliarem no trabalho de parto. Heket, uma deusa com cabeça de sapo, acelerou o nascimento de cada criança, após o que Meskhenet ditou os seus destinos: servir aos deuses como faraós das Duas Terras. Khnum, mesmo após a previsão de Meskhenet de que as crianças seriam saudáveis, lhes deu saúde (ARAÚJO, 2005: 177-181).

Por meio deste conto e de dados procedentes de várias fontes arqueológicas provenientes de sítios distintos, por vezes de diferentes épocas, é possível reconstituirmos parte do cenário do nascimento. Se imaginarmos uma cena ocorrendo em Lahun,<sup>3</sup> uma cidade de pirâmide construída durante o Reino Médio, lá estaria uma jovem mulher chamada Shepeset, que seria a futura mãe de Snefru, sentindo as dores do parto. Ao se preparar para o instante do nascimento, possivelmente, Shepeset deveria ter se dirigido para uma parte privada de sua residência – talvez um quarto localizado num recanto mais retirado, já que se tratava de uma casa pequena. Numa casa grande talvez isso se desse numa área específica, reservada às mulheres. O local foi cercado de cuidados e protegido contra os perigos que, eventualmente, poderiam atingir a mãe e a criança, por meio de objetos mágicos e amuletos. Em seguida, as duas mulheres que auxiliariam a mãe durante o trabalho de parto se posicionaram – uma a sua frente e outra atrás dela – como era comum em


---

<sup>2</sup> No *Papiro Westcar*, também conhecido como *Papiro de Berlim 3033*, encontram-se originalmente as narrativas de cinco contos, que são transmitidos ao faraó Khufu por seus filhos. O primeiro, contudo, se perdeu, restando apenas algumas linhas, e o último termina bruscamente, pois desapareceram as linhas finais. Neste, que é aqui resumido, não há um narrador, e o tempo a um que se refere é o futuro, enquanto nos anteriores temos histórias relacionadas ao passado e ao presente do rei.

<sup>3</sup> A cidade de Lahun, chamada erroneamente Kahun por seu primeiro escavador, William Matthew Flinders Petrie, foi tema de minha pesquisa de mestrado, realizada na Universidade Federal Fluminense e intitulada “Vida Pública e Vida Privada no Egito do Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.)”.



várias sociedades antigas (SZPAKOWSKA, 2008: 24). Uma apoiava Shepeset, enquanto a outra cuidava para que a criança que iria nascer não se machucasse e a segurava para evitar uma possível queda decorrente de um parto rápido.

O parto era realizado de cócoras, por ser esta uma posição anatomicamente mais apropriada para facilitar o nascimento da criança, já que esta era auxiliada pela força da gravidade. Esta postura pode ser verificada de duas maneiras. Primeiro, na escrita hieroglífica, onde as palavras relacionadas ao nascimento possuem como sinal determinativo um signo que uma mulher abaixada, com uma criança saindo de seu ventre (). Em seguida, por meio da análise de obras de arte. O momento do nascimento é pouco representado nessa esfera. Geralmente, as cenas que apresentam o suposto nascimento trazem a mãe em um banco ou uma cadeira, com a criança já nos braços. Uma das raras imagens existentes é um documento de época muito posterior: trata-se de um fragmento de relevo do Período Ptolomaico (c. 332-30 a.C.), que mostra que o parto de cócoras era usual ainda nessa época. Neste, uma mulher está acorçada, abaixo de uma estrutura semelhante a uma porta, apoiada sobre tijolos, e em cada um de seus lados há uma deusa com cabeça de vaca, uma alusão à deusa Háthor, que protege e auxilia a mulher durante o nascimento.

Estes tijolos, chamados de “tijolos do nascimento”, eram supostamente em número de quatro e podem ser associados diretamente à deusa Meskhenet, que, no conto supracitado, dita o destino de cada um dos príncipes após o nascimento. Em representações nos *Livros dos Mortos* durante o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.), a deusa aparece como um tijolo com cabeça humana, uma clara alusão aos tijolos do nascimento, que guardariam o destino do indivíduo. No Primeiro Milênio a.C. Meskhenet tomou quatro diferentes configurações, e cada uma dessas formas passou a ser relacionada a uma deusa. Assim, cada tijolo estava associado a uma deusa, sendo que Meskhenet-a-Grande (*mshnt-wrt*) está identificada com Tefnut, Meskhenet-a-Grande (*mshnt-ʿ3t*) com Nut, Meskhenet-a-Bela (*mshnt-nfyt*) com Ísis, e Meskhenet-a-Excelente (*mshnt-mnhḥt*), com Néftis (ROTH & ROEHRIG, 2002: 131). O nome de Meskhenet também ajuda a compreender a função desses tijolos mágicos, pois é um substantivo de lugar formado pelo prefixo *m* e pela forma causativa do verbo *hni*, que significa “descer” (ROTH & ROEHRIG, 2002: 130). Assim, os tijolos do nascimento seriam o “local de descimento”, ou o lugar onde a criança “desceria” do ventre materno, considerando o tradicional parto de cócoras.

Apesar do grande número de “tijolos do nascimento” que deve ter sido produzido ao longo da história egípcia, existe apenas um exemplar conhecido. Este foi encontrado em Abydos



durante as escavações conduzidas por uma equipe formada por profissionais da Universidade da Pensilvânia, da Universidade de Yale e do Instituto de Belas Artes da Universidade de Nova Iorque, em uma casa da XIII Dinastia, num setor que era reservado a uma princesa. Este tijolo, mostrado na figura 1, foi decorado, em um de suas faces mais largas, com a imagem de uma mulher que porta um vestido branco, longo e com alças, uma peruca azul-turquesa longa e um colar largo no pescoço, e está sentada em uma cadeira de encosto baixo. Nos braços, tem uma criança, seu filho recém-nascido que, pela cor da pele dentro dos cânones da arte egípcia, é um menino. Duas mulheres aparecem na cena, uma à frente e outra atrás da mãe, representando as parteiras que teriam auxiliado a mulher e a criança. Ambas possuem colares largos no pescoço, e usam perucas longas e vestidos com alças. Os braceletes que adornam os seus braços, assim como seus cabelos, são de cor azul-turquesa. Atrás de cada uma dessas mulheres há uma espécie de estandarte encimado por uma máscara da deusa Háthor, o que, segundo Josef Wegner, que chefiou a expedição em Abydos em 2001, associa a parturiente à deusa (PINCH, 2006: 129). As laterais do tijolo são decoradas com um grupo de divindades protetoras, que inclui uma cobra, um babuíno, um gato selvagem, e figuras das deusas Taueret e Beset.



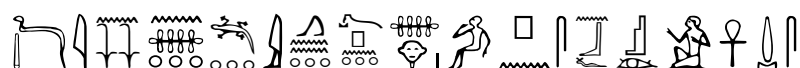
**Figura 1:** Tijolo do nascimento encontrado em Abydos. Referência: Birth brick. Disponível em: <http://www.eartharchitecture.org/index.php?/archives/693-Birth-Brick.html> Acesso em: 12 nov 08.



A presença de Háthor nas cenas de nascimento associa as parteiras às servidoras dessa deusa, dentre as quais estão as musicistas e sacerdotisas. No conto do papiro Westcar, quando as quatro deusas enviadas por Ra chegam à casa de Reddjedet, apresentam ao seu marido seus colares e sistros, objetos presentes no culto a Háthor. O homem então permite a sua entrada para auxiliar a parturiente. A associação fica ainda mais clara se levarmos em consideração um dos encantamentos presentes no *Papiro Leiden I 348*, no qual a mulher que dá à luz é relacionada à deusa Háthor, senhora de Dendera. O arqueólogo Josef Wegner acredita que esta união se dá no momento do nascimento, quando a parturiente então se transforma na deusa (PINCH, 2006: 129). A criança, então, pode ser associada a Ihy, o deus da música, filho de Háthor e Hórus, e que geralmente é representado como um menino nu, com o penteado típico da infância e com um dedo na boca.

Associados ao tijolo do nascimento localizado em Abydos foram encontrados vários fragmentos de objetos confeccionados com o marfim proveniente de dentes caninos inferiores de hipopótamos, e que certamente estariam entre os objetos mágicos que foram providenciados ao nosso hipotético local de nascimento de Snefru. São os chamados “bastões do nascimento”, “facas mágicas” ou, mais corretamente, segundo Stephen Quirke, “presas de hipopótamo do nascimento” (QUIRKE, 2005: 100). O autor assim os define devido à forma do artefato – a mesma das presas de hipopótamos –, à sua função, associada à proteção, e ao material de sua confecção que, conforme já comentado, é o marfim proveniente desses animais, que era uma das principais fontes desse material no Egito antigo.

A função protetora destes artefatos, cujos exemplares presentes em museus são datados majoritariamente do Reino Médio, pode ser dada por meio das inscrições a eles associadas. Um exemplar que pertencia a uma coleção particular e hoje faz parte do acervo do Museu Britânico (BM EA 65439) foi publicado em 1932 por Alan W. Shorter e, segundo este egiptólogo, sua função protetora pode ser deduzida a partir da inscrição presente no artefato, que pode ser lida em uma linha que acompanha a forma do objeto, da esquerda para a direita (SHORTER, 1932: 1-2):<sup>4</sup>



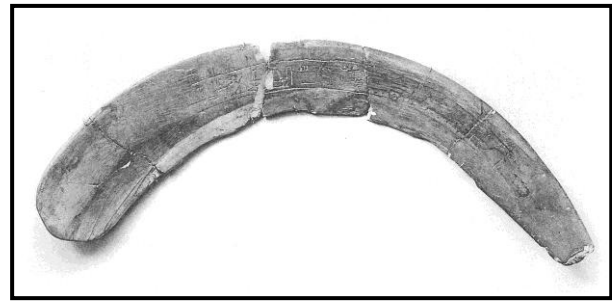
*dd mdw in nn s3w 'š3 ii.n.n stp-s3.n hr hrd pn snb.f-wsir 'nh wq3 snb*

<sup>4</sup> A tradução da inscrição presente na “presa de hipopótamo” do nascimento aqui apresentada foi baseada naquela apresentada por Shorter, sendo incluída, para fins de análise, a transliteração do texto egípcio.



Palavras ditas por estes numerosos protetores: “Nós viemos (para que) possamos proteger (*lit.* nós protegermos sobre) esta criança, Senebef-Osiris. Possa ele viver, prosperar e ter saúde.”

Esta “presa de hipopótamo do nascimento” estava, à época de sua publicação, quebrada em cinco partes, estando mais danificada na área central. Atualmente encontra-se restaurada e seu comprimento total é de aproximadamente 32,4 cm e sua largura é de aproximadamente 5,5 cm. As divindades e figuras míticas representadas neste objeto são da direita para a esquerda, conforme pode ser retirado da figura 2: uma cabeça de um felino representada frontalmente; um disco solar sobre duas pernas humanas; um “serpo-leopardo”, ou seja, um felino com o pescoço extremamente alongado, que devora uma serpente e segura uma faca em uma de suas patas dianteiras; acima deste felino, vê-se uma serpente; uma representação da deusa-hipopótamo Taueret ou Ipet com uma faca em uma das mãos, que se encontra apoiada em um signo-*ankh*, na parte mais danificada do objeto; um leão sentado; uma faca e uma serpente sobre um estandarte; na seqüência, há uma figura mumiforme com cabeça de chacal com uma faca em uma das mãos; um grande olho-*udjat*; e, por último, a cabeça de um chacal com as orelhas alongadas e em pé. A inscrição traduzida acima se encontra na parte posterior do artefato.



**Figura 2:** As duas faces da “presa de hipopótamo” do nascimento publicada por Alan W. Shorter e pertencente atualmente ao acervo do Museu Britânico. Referência: SHORTER, 1932: p. 1-2, pl. I.

Algumas das “presas de hipopótamo do nascimento”, porém, não contêm inscrições na parte posterior, como o exemplar aqui descrito. Outras trazem apenas pequenas inscrições na parte anterior, solicitando às divindades e aos seres míticos representados: proteção para o dia, *s3 hrw* (em egípcio, ), e proteção para a noite, *s3 grh* (em egípcio ). É



possível, assim, associar estes objetos a elementos que auxiliariam o deus sol em sua luta diária contra os inimigos. Seu propósito era convocar esses poderes para proteger os recém-nascidos e as crianças das forças maléficas e dos mortos que quisessem fazer mal a elas (ROBINS, 2000: 114).

Estes objetos eram utilizados para criar uma zona de proteção para a mãe e para a criança, principalmente nos momentos mais críticos do parto e naqueles se seguiam a ele. A egiptóloga Geraldine Pinch argumenta que a abrasão presente nas extremidades das “presas de hipopótamo do nascimento” sugere que estas foram usadas para marcar linhas no solo, provavelmente círculos, nos locais onde a mãe daria à luz e onde ela e a criança se recuperariam após o parto (PINCH, 2006: 78). O casal de egiptólogos Janssen & Janssen exemplifica o uso desses artefatos por meio de uma pintura parietal datada do Reino Médio, presente na tumba do nomarca Djehutihotep em El-Bersha no Médio Egito, na qual uma ama-de-leite aparece segurando uma dessas presas de hipopótamo do nascimento em uma das mãos, que está para o alto (JANSSEN & JANSSEN, 1990: 10). Para a criança, a proteção também seria assegurada pela colocação do recém-nascido sobre os tijolos do nascimento que, agrupados lado a lado, formariam uma espécie de cama para o bebê (ROTH & ROEHRIG, 2002: 132).

Poucos fragmentos de “presas de hipopótamo do nascimento” foram encontrados na cidade de Lahun, mas em Lisht, uma localidade próxima, as escavações realizadas registraram a presença de tais artefatos em grande quantidade. O simples fato de tais objetos terem sido localizados, contudo, é uma prova de que esta prática existia. Em Lahun não foram encontrados “tijolos do nascimento”, mas estes certamente eram empregados, sendo fabricados e talvez decorados pelos próprios habitantes da cidade. Tais tijolos possuíam as mesmas dimensões dos blocos comuns, e também eram confeccionados em adobe. Uma forma para a fabricação das peças de adobe foi encontrada em uma das residências do assentamento urbano, e é possível que a mesma fosse utilizada também para a elaboração dos “tijolos do nascimento” que eram usados pelas mulheres da localidade.

Havia ainda outro tipo de artefato, do qual apenas uma parte foi localizada na cidade de Lahun. Trata-se de uma espécie de bastão, formado por três segmentos ociosos com figuras protetoras incisadas e decorado, na parte superior, com miniaturas de animais também associados à proteção, chamado de “bastão<sup>5</sup> do nascimento”. O único exemplar completo conhecido provém

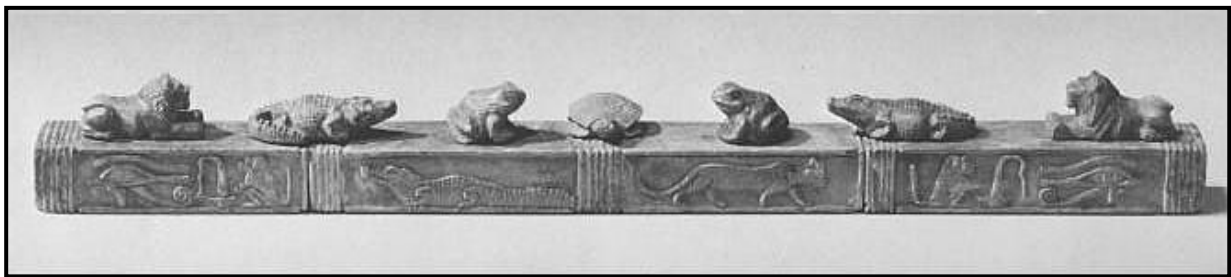
---

<sup>5</sup> Neste caso, “bastão do nascimento” é uma tradução mais adequada, já que na língua inglesa o artefato tem o nome de “birth rod”.





de um contexto funerário, em Heliópolis, e hoje integra o acervo do Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque, e é mostrado na figura 3. A sua aplicabilidade, apesar da raridade de artefatos semelhantes, pôde ser determinada por meio de comparações com as “presas de hipopótamo do nascimento”, estas sim encontradas em grande quantidade. As figuras incisas nas laterais das três peças que formam o objeto são semelhantes àquelas que aparecem nas presas, e estão todas relacionadas à proteção da mãe e da criança. O uso desses bastões, no entanto, é mais difícil de determinar, em parte pela falta de uma quantidade suficiente para o procedimento de uma análise detalhada e para uma posterior obtenção de conclusões. As três partes que o formavam eram simplesmente encaixadas, assim como as miniaturas que eram colocadas em sua face superior. Desta maneira, estes objetos não poderiam ser utilizados para formar círculos no chão, como no caso das presas de hipopótamo do nascimento. É mais possível que ficassem sobre suportes, como por exemplo em bancos ou mesas, no local onde a mulher daria à luz e permaneceria com o recém-nascido.



**Figura 3:** Bastão do nascimento do acervo do Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque. Referência: EGYPTIAN ART, 1983-1984: p. 20.

Outros artefatos que estavam associados ao nascimento também foram localizados em Lahun. Entre eles estão estatuetas da deusa Ipet, Reret, ou Taueret, e pequenas lamparinas decoradas com imagens do deus-anão protetor dos nascimentos Aha, ou “o lutador”, uma das formas do deus Bes. Esta divindade na realidade representa um complexo formado por dez deuses (Aha, Amam, Bes, Hayet, Ihty, Mefdjjet, Menew, Segeb, Sopdue Tetetenu) que possuem características similares ou idênticas (WILKINSON, 2003: 102). Nos amuletos relacionados ao nascimento geralmente aparece carregando facas, que são as suas armas contra os inimigos que podem atacar a mãe e a criança. Sua representação nas “presas de hipopótamos do nascimento”, carregando serpentes nas mãos, teria a função de afastar da casa serpentes e escorpiões (HART, 2005: 50).



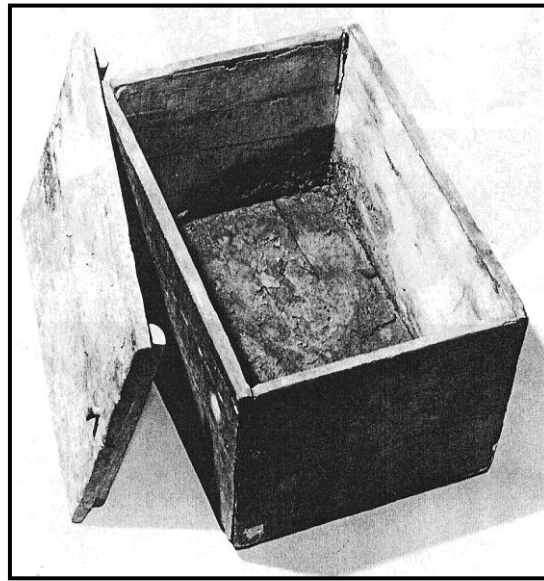
No período final do Reino Médio alguns objetos que geralmente estavam associados ao nascimento começaram a ser depositados em tumbas, como as presas de hipopótamo e os bastões do nascimento, figuras de fertilidade e modelos de animais protetores em faiança. A associação destes objetos às tumbas talvez esteja relacionada à passagem para o outro mundo, já que o morto deveria renascer e ficaria vulnerável às forças maléficas, tal como um recém-nascido (ROBINS, 2000: 114).

A preocupação dos antigos egípcios em utilizar amuletos para proteger o local do nascimento, a parturiente e a criança torna-se mais facilmente compreensível quando pensamos nos números da mortalidade infantil. Era grande a porcentagem de crianças e mães que morriam durante ou por complicações causadas pelo parto, e a quantidade de crianças que faleciam antes de completar um ano de idade. Na cidade de Lahun, por exemplo, foram encontradas caixas de madeira, originalmente utilizadas para outros fins, que serviram como ataúdes para fetos, natimortos e bebês até aproximadamente 12 meses de idade. Nestas caixas, semelhantes à mostrada na figura 4, eram inumados um ou mais corpos, que eram identificados apenas por escaravinhos ou selos-cilindro, que forneceram aos escavadores uma data aproximada para o enterramento. Estas caixas eram enterradas abaixo do piso das residências, possivelmente por algum familiar ou alguém próximo à criança e, segundo a egiptóloga Geraldine Pinch, isso era feito na esperança de que o espírito da criança pudesse voltar para o corpo da mãe (PINCH, 2006: 132). A idéia de um “espírito”, porém, é equivocada, já que para os antigos egípcios não existia a dualidade corpo-alma ou espírito. No caso de realmente ser esta a crença que estava relacionada a este ato, a parte que voltaria ao corpo da mãe possivelmente fosse o *ba*, que é representado na forma de um pássaro com cabeça humana, e que simboliza a personalidade do indivíduo. Ao nascer, então, a pessoa receberia o seu *ba*, que entraria pela boca. No caso de uma morte prematura, esta parte do indivíduo retornaria mais tarde para a sua mesma origem que, no caso de aceitarmos tal hipótese, seria o corpo de um novo indivíduo gerado pela mesma mãe.

O fato de não haver identificação nos corpos das crianças enterradas nestas caixas nos leva a uma questão: por que os bebês eram enterrados em locais separados das outras crianças e dos adultos? Para Szpakowska pode ser que eles ainda não tivessem atingido o status de “pessoa” perante a sociedade. Segundo a egiptóloga este momento variava de uma sociedade para outra: em Roma, por exemplo, isto se dava quando a criança atingia 40 dias. Já em outras sociedades a criança só era considerada membro efetivo da comunidade quando começava a falar (SZPAKOWSKA, 2008: 34). Edgar Morin explica que “(...) nas sociedades arcaicas, a morte da



criança, na qual se destroem, no entanto, todas as promessas de vida, suscita uma reação funerária muito fraca” (MORIN, 1997: 32). Há, então, uma relação direta entre o tempo de vida do indivíduo em sociedade e a importância dos seus ritos funerários (SANTOS, 2002: 50). Por essa razão os bebês seriam inumados com um enxoval funerário exíguo ou inexistente. Nos enterramentos de Lahun, por exemplo, as crianças são equipadas apenas com colares, amuletos e escaravelhos ou selos-cilindro, que datam a sua morte. Não havia preocupação, por exemplo, em mumificar os corpos, que eram simplesmente depositados nas caixas, com certo cuidado, mas sem a preparação de se proceder a ritos que seriam necessários para a sobrevivência do indivíduo na vida *post-mortem*.



**Figura 4:** Caixa originalmente utilizada para guardar roupas, que foi usada em um enterramento infantil na cidade de Lahun. Referência: DAVID, 1986: fig. 16 (a página não tem numeração).

Ainda em relação à identificação dos bebês podemos analisar a presença de nomes masculinos em alguns objetos mágicos. São exemplos desta afirmação o tijolo do nascimento de Abydos que descrevemos anteriormente, no qual a criança representada é um menino, e a “presa de hipopótamo do nascimento” cuja tradução permitiu identificar o proprietário. Segundo a egiptóloga Kasia Szpakowska este fato pode refletir o desejo dos pais de que o filho, especialmente o mais velho, fosse um menino, já que este seria responsável pelo culto funerário de seus progenitores (SZPAKOWSKA, 2008: 30). Existe a possibilidade, ainda, de que os nomes tenham sido inseridos após o sucesso no nascimento, para uso durante o período em que a criança necessitasse de proteção.



Para os antigos egípcios o nome era uma das partes que formavam o ser, e por isso precisaria sobreviver e ser lembrado para que o indivíduo pudesse viver para sempre no outro mundo. O nome individualizava, tornava o sujeito diferente dos demais, personalizado e próprio. Para os egípcios, então, era o que definia e o que dava existência ao ser, sendo parte inseparável do mesmo (SANTOS, 2002: 68). O nome era dado pela mãe, e era criado a partir das primeiras palavras emitidas por ela no momento do nascimento. Retornado ao conto do *Papiro Westcar*, após o nascimento de cada um dos trigêmeos a deusa Ísis revela os seus nomes. Neste caso, são nomes relacionados a características que cada uma das crianças apresenta, mas a composição dos nomes egípcios variava bastante. Poderiam, por exemplo, fazer alusão a um deus, como no caso de Satháthor (filha de Háthor) ou Neferuptah (a beleza de Ptah) ou a um faraó do período em que a criança nasceu ou mesmo de épocas anteriores, como Senusret e Amenemhat, que se tornaram nomes comuns durante o Reino Médio. Eram correntes, ainda, nomes que refletiam uma exclamação da mãe no momento do nascimento, como Ankhaf (“Ele vive”). Os nomes poderiam aludir também a uma profissão, como Baketamon (“Serva de Amon”) ou à origem estrangeira do indivíduo, tal como no caso de Nehesy (“O núbio”).

O nascimento, então, era um momento privado, do qual participavam apenas a mãe e as mulheres responsáveis por auxiliar a ela e à criança. Os primeiros dias da vida da criança, no caso do sucesso do nascimento, eram presenciados apenas por estas pessoas, que seriam muito importantes nos primeiros tempos de sua existência. Elas garantiriam a sua segurança e a proteção contra todos os malefícios que poderiam ocorrer numa fase de transição, na qual a criança ainda não era um ser social, pertencente à comunidade, e a mãe estava vulnerável aos mesmos perigos. Somente depois de passar pelo período de purificação a mulher voltaria a ter uma vida pública, sendo reincorporada na sociedade. Baseando-se no conto do *Papiro Westcar*, este período deveria ser de quatorze dias, ocasião em que também a criança começaria a ser integrada na vida social.



## Os primeiros anos de vida


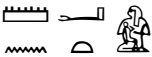
Nos seus primeiros anos podemos imaginar a rotina de nosso hipotético Snefru não muito diferente daquela dos bebês de nosso mundo contemporâneo. Ele passava parte de seu tempo dormindo, sempre protegido por muitos dos objetos mágicos anteriormente descritos, e seu principal alimento era o leite materno. O tempo de aleitamento é que diferia: enquanto hoje a maioria das crianças é amamentada até os seis meses de idade, principalmente em função da vida agitada de seus pais, no Egito antigo os bebês ingeriam este alimento até os três anos de idade.



Tal informação pode ser retirada de uma composição literária datada do Reino Novo, intitulada *Instrução de Any*<sup>6</sup>:

Retribua em dobro o alimento que sua mãe lhe deu,  
Sustente-a como ela o sustentou;  
Ela teve em você um fardo pesado,  
Mas ela não o abandonou.  
Quando você nasceu após os seus meses,  
Ela ainda o tinha como sua canga,  
Seus seios em sua boca por três anos (LICHTHEIM, 1976: 141).

São muitas as representações do momento da amamentação, tanto nos âmbitos real e religioso quanto no privado. Nas paredes dos templos do Reino Novo há imagens de faraós sendo alimentados por deusas, sendo que esta geralmente corresponde à deusa-mãe na tríade divina cultuada na região onde o templo foi construído. Em um pequeno templo rupestre, chamado Beit el-Wali, construído por Ramsés II a 50 km ao sul de Assuan, por exemplo, o rei aparece sendo amamentado por Satet, que é a consorte de Khnum e mãe de Anukhet na tríade de Elefantina. Na escultura o principal arquétipo é o que aparece em estatuetas da deusa Ísis com Hórus lactante, muito comuns no Primeiro Milênio a.C.. Nestas a deusa aparece sentada em uma cadeira de encosto baixo, com seu filho no colo e oferecendo um dos seios ao menino. Tal representação é semelhante àquela que aparece no hieróglifo , que é utilizado como determinativo em palavras relacionadas aos cuidados com a criança como, por exemplo, no substantivo amamentar, *mn* (em egípcio, ) .

Na escultura privada são abundantes as imagens de mulheres amamentando suas crianças. Nestas a posição representada geralmente é semelhante àquela presente no hieróglifo , que mostra uma mulher abaixada, com uma criança no colo e oferecendo um dos seios ao bebê. Este signo é utilizado como determinativo em palavras como ama-de-leite ou mãe de criação, *mn<sup>c</sup>t* (em egípcio, ) , que se referem à alimentação da criança. Quando são representadas

<sup>6</sup> A *Instrução de Any* é conhecida apenas por um único manuscrito, o *Papiro Boulaq 4* do Museu do Cairo. Trata-se de um texto no qual um pai transmite ao seu filho ensinamentos referentes à conduta que este deveria seguir em sua vida.



desta maneira as mães têm a criança apoiada em seus joelhos ou em uma canga, uma espécie de faixa que ainda hoje é utilizada para carregar bebês. Uma destas estatuetas, que pode ser vista na figura 5 e que faz parte do acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque (MMA 1922.22.2.35), mostra uma mulher amamentando um bebê, enquanto outra, posicionada atrás da primeira, penteia seus cabelos.



**Figura 5:** Estatueta de uma mulher amamentando uma criança. Referência: CAPEL and MARKOE, 1996: p. 59.

As crianças poderiam ser amamentadas pela própria mãe – o que deveria acontecer na maioria dos casos – ou por mulheres que eram contratadas para alimentar os bebês, que eram chamadas de amas-de-leite. A documentação produzida em Deir el-Medina durante o Período Raméssida, especialmente, mostra que as amas-de-leite não eram um privilégio da família real e da elite. Uma carta escrita por um dos artesãos moradores da vila fala sobre o pagamento que deveria ser feito a uma dessas mulheres, que havia sido responsável por amamentar suas três filhas (JANSSEN & JANSSEN, 1990: 17). Outras mulheres que não a mãe também eram necessárias nos casos de morte da progenitora durante o parto, o que deveria ocorrer com certa frequência.

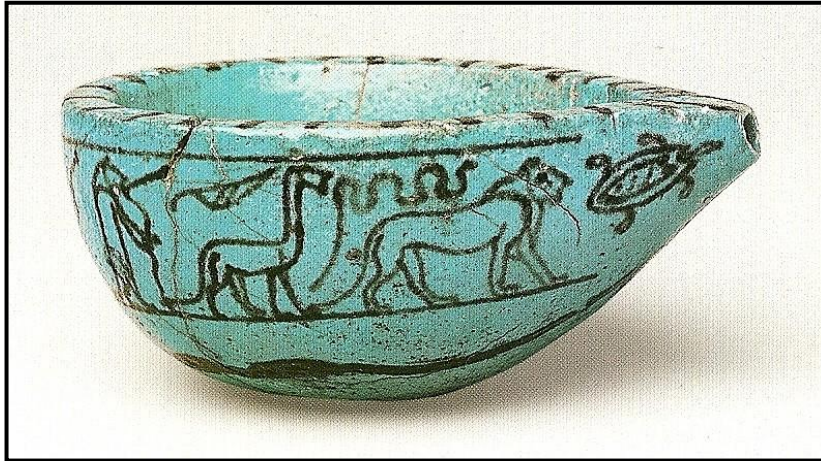


Para evitar o desperdício do leite materno, que poderia ocorrer devido ao menor consumo por parte de uma criança após a introdução de novos alimentos em sua dieta, os egípcios criaram vasos específicos para o armazenamento deste líquido. Durante a XVIII e a XIX Dinastias o leite passou a ser guardado em vasos que tinham a forma de uma mulher com uma criança no colo, e que preservavam o alimento por um determinado período. Estes tinham geralmente de 11 a 17 cm de altura, e sua capacidade de armazenamento era de aproximadamente a quantidade produzida para uma amamentação, ou cerca de 100 mL (ALLEN, 2005: 34). O leite materno tinha ainda uso medicinal, e é possível que as quantidades armazenadas se destinassem também para este fim.

Talvez numa idade de aproximadamente seis meses é possível que outros alimentos fossem acrescentados à dieta das crianças, somados ao leite materno. Num primeiro momento deveriam ser introduzidas frutas, vegetais e cereais, que eram consumidos na forma de purês, como ocorre com as crianças nos dias de hoje. As fontes, escritas e iconográficas, trazem o nome e a imagem de alguns desses alimentos que eram consumidos pelos egípcios. Por meio da análise das mesas de oferendas presentes em estelas funerárias, por exemplo, é possível elencar uma grande variedade de alimentos, como cebolas, alfaces, figos, uvas, tâmaras, pães de diversos formatos, bolos e diferentes tipos de carnes. Geralmente vasos para cerveja e outros líquidos também são representados embaixo das mesas.

O recipiente utilizado para a alimentação dos bebês e crianças pequenas tinha um formato especialmente desenhado para evitar que o conteúdo fosse desperdiçado. Geralmente era confeccionado com argila do Nilo, tinha as laterais com um estreitamento e um bico, por onde o líquido era ingerido. Um exemplar desses vasos, em faiança azul e decorado com figuras protetoras, foi encontrado num dos cemitérios da elite de Lisht, e hoje integra o acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque (MMA 44.4.4). Dentre as figuras representadas no recipiente, mostrado na figura 6, estão uma tartaruga, um leão, uma serpente, um serpo-leopardo, uma faca, e representações de Bes ou Beset carregando facas nas mãos. A presença dessas imagens no recipiente tinha a função, assim como acontecia com as “presas de hipopótamo do nascimento”, de proteger o que havia dentro do mesmo.





**Figura 6:** Recipiente utilizado para a alimentação de bebês e crianças pequenas. Referência: ALLEN, 2005: p. 31.

Dentre os alimentos sólidos é certo que a carne, num primeiro momento, não seria parte integrante da alimentação das crianças, especialmente por ser um alimento de difícil digestão, mas também porque, no Egito antigo, a carne era um item dificilmente encontrado nas mesas dos indivíduos da não-elite. Mais comumente a carne bovina era substituída pela de peixe, de fácil obtenção, pois poderia ser tanto pescado no Nilo quanto no Bahr Yusuf, o braço de rio que levava a água do rio para a região do Fayum.

O pão, possivelmente, era um dos primeiros alimentos sólidos a serem inseridos na dieta de uma criança, já que fazia parte da alimentação diária dos antigos egípcios. O trigo, matéria-prima para a fabricação do pão, era um dos grãos mais cultivados nas terras egípcias, e este cereal foi encontrado em celeiros na cidade de Lahun. Para facilitar a ingestão do alimento pelas crianças este talvez fosse molhado em suco de frutas ou outro líquido, como o leite, tal como acontece atualmente. Outro cereal bastante cultivado e consumido no antigo Egito, especialmente em função de sua alta quantidade protéica, era um tipo de trigo chamado *emmer*. Curiosamente, na cidade de Lahun não foram encontrados grãos desse cereal (SZPAKOWSKA, 2008: 46), que certamente fazia parte da alimentação dos habitantes, já que poderia suprir a necessidade protéica que não era consumida pela ingestão de carnes vermelhas.

A cevada também era um item importante na dieta egípcia. Com ela era fabricada a cerveja, outro item da alimentação diária dos antigos egípcios. Esta, por ser uma bebida fermentada, possivelmente fosse inserida mais tarde na alimentação dos pequenos, já que o principal líquido ingerido até os três anos de idade era sem dúvida o leite materno. As frutas,





verduras e legumes já mencionados deveriam ser consumidos desde cedo pelas crianças. Além de serem alimentos de fácil digestão, muitos poderiam substituir as necessidades diárias de açúcares, gorduras e proteínas que deveriam ser consumidos pelos pequenos.

Apesar da variedade de alimentos observados em listas e mesas de oferendas, contudo, várias doenças decorrentes da falta de nutrientes na alimentação podem ser observadas entre os egípcios, por meio do estudo de suas múmias. Determinadas más formações ósseas, por exemplo, podem sugerir a falta de um nutriente importante em uma fase da vida. Um grande grau de porosidade óssea pode ser resultado de problemas alimentares ocorridos durante a infância, assim como linhas de Harris nos ossos, que aparecem como sombras nos exames de raio-X, podem indicar períodos de má nutrição ou doença durante o desenvolvimento do indivíduo (SZPAKOWSKA, 2008: 49).

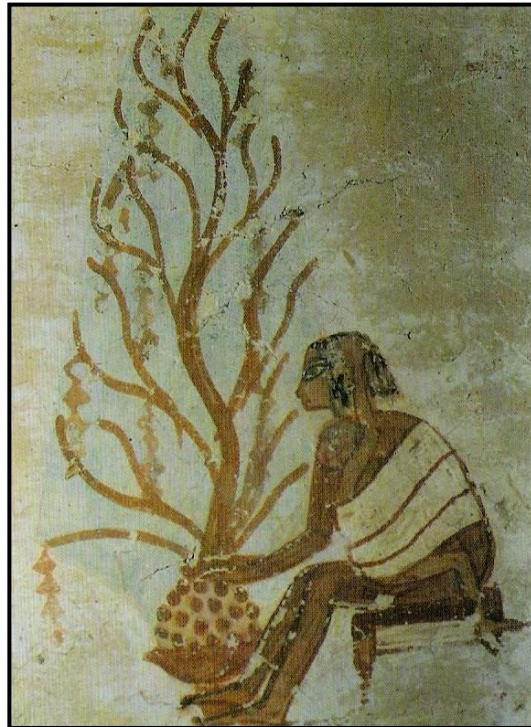
Quanto à movimentação quando ainda não podiam se movimentar sozinhos, os bebês eram carregados em cangas, uma espécie de faixa que deixava o bebê próximo à mãe e esta livre para realizar as suas atividades. A diferenciação entre as mães egípcias e estrangeiras, quando se trata de carregar suas crianças, fica bem explícita na arte. Enquanto as egípcias trazem seus filhos à sua frente, as estrangeiras geralmente carregam os filhos nas costas, seja em faixas ou em cestos próprios. Um bom exemplo desta prática é uma estatueta de madeira de uma mãe asiática, pertencente ao acervo do Museu Real da Escócia, que transporta seu filho em um suporte em suas costas, conforme pode ser visto na figura 7.



**Figura 7:** Uma asiática transporta seu filho nas costas. Referência: BOURRIAU, 1988: p. 109.



No caso das egípcias o uso da canga era importante para que a mulher pudesse continuar a desenvolver suas atividades diárias durante o tempo em que a criança estivesse sendo amamentada. Uma cena da tumba de Menna, da XVIII Dinastia (c. 1550-1070 a.C.), mostra uma mãe que, acompanhada por seu pequeno filho, que carrega em uma canga, colhe frutas em um pomar. A criança parece acariciar a mãe, já que sua mão encontra-se sobre a cabeça da genitora, tal como se observa na figura 8. Este modo de transporte facilitava a alimentação do bebê, já que este estaria mais próximo dos seios da mãe. Esta, por sua vez, só precisaria despir um dos seios e apoiar a criança no braço ou no joelho cada vez que precisasse amamentá-la. Este ato não apenas proporcionava um maior cuidado por parte da mãe, como também era uma forma de integrar a criança à comunidade, já que esta acompanhava a mãe em todos os momentos.



**Figura 8:** Pintura parietal da tumba de Menna mostrando uma mãe com o seu filho. Referência: HAGEN, 2003: p. 105.

A integração social das crianças tinha início nesta fase da vida, justamente por meio do acompanhamento às mães aos seus locais de trabalho. Meninos e meninas viviam nestes ambientes durante os seus primeiros anos, e tinham contato com crianças da mesma faixa etária, que seriam os seus primeiros companheiros de brincadeiras. Quando no espaço privado, outros cuidados eram dispensados aos pequenos, já que a mortalidade infantil era alta ainda nesta fase da



existência. Amuletos apotropaicos eram posicionados em locais específicos, e serviam para evitar a entrada, principalmente, de animais nocivos, como as serpentes e os escorpiões. Quando nos ambientes públicos, esta proteção também estaria garantida por meio dos amuletos que eram carregados pelas crianças.

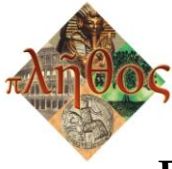
## Considerações finais

O nascimento pode ser compreendido como um momento privado, do qual poucas pessoas participavam e no qual era necessário garantir proteção para a mãe e para a criança. As fontes analisadas para a escrita deste artigo são provenientes essencialmente de assentamentos urbanos, mas algumas aparecem, no final da XII Dinastia, também no contexto funerário. Os artefatos relacionados a este momento mostraram que existia um grande temor de que pudesse acontecer algo de ruim para a mãe e o bebê e que deveria ser comum a morte da mulher e da criança no momento do parto. Seu uso no contexto funerário talvez tenha relação, também, com a passagem para o outro mundo, um momento de vulnerabilidade, assim como o nascimento.

Assegurada a sobrevivência da criança, já nos primeiros anos tinha início a sua socialização. A análise da estatuária e de pinturas em tumbas mostra que as crianças acompanhavam as mães em seu trabalho cotidiano e aí começavam a ter contato com meninos e meninas da mesma faixa etária. Já artefatos relacionados à alimentação, bem como a análise de dados sobre múmias de crianças, nos ajudam a compreender que a desnutrição era causa comum de morte durante a infância, assim como o ataque de animais peçonhentos, que era evitado com o uso dos mesmos objetos mágicos utilizados durante o nascimento e de amuletos com imagens de deuses protetores.

Era somente após essas primeiras etapas que a criança passava a ter uma vida mais pública, brincando na rua com outras crianças, confeccionando seus próprios brinquedos e, ao mesmo tempo, aprendendo com seus pais as atividades que viriam a desempenhar na vida adulta. A morte precoce ainda poderia ocorrer, mas a possibilidade de atingir a fase adulta aumentava proporcionalmente à idade.





## Bibliografia

ALLEN, James P. (2005), *The art of medicine in ancient Egypt*, New Haven, Yale University Press.

ARAÚJO, Luís Manuel de (2005), *Mitos e Lendas: Antigo Egípto*, Lisboa, Livros e Livros.

BAINES, John e Jaromir Málek (1996), *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*, Madri: Ediciones del Prado.

BOURRIAU, Janine (1988), *Pharaohs and mortals: Egyptian art in the Middle Kingdom*, Cambridge, Cambridge University Press.

CAPEL, A. K. and G. E. Markoe eds. (1996), *Mistress of the house, mistress of heaven. Women in ancient Egypt*, New York, Hudson Hills Press.

DAVID, Rosalie (1986), *The pyramids builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's workforce*, London, Routledge and Kegan Paul.

EGYPTIAN ART (1983-1984), *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*, New Series, v. 41, n. 3, winter.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba (1996), *Nascer, viver e morrer na Grécia antiga*, São Paulo, Atual.

HAGEN, Rose-Marie and Rainer Hagen (2003), *Egípto: pessoas, deuses, faraós*, Köln, Taschen.

HART, George (2005), *The Routledge dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, London, Routledge.

JANSSEN, Rosalind M. and Jac J. Janssen (1990), *Growing up in ancient Egypt*, London, The Rubicon Press.

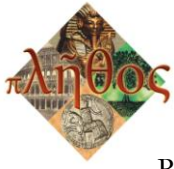
LICHTHEIM, Miriam (1976), *Ancient Egyptian Literature: the New Kingdom*, Berkeley, University of California Press.

MORIN, Edgar (1997), *O homem e a morte*, Rio de Janeiro, Imago.

PINCH, Geraldine (2006), *Magic in Ancient Egypt*, London, The British Museum Press.

QUIRKE, Stephen (2005), *Labun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape*, London, Golden House Publications.





ROBINS, Gay (2000), *The art of ancient Egypt*, Cambridge, Harvard University Press.

ROTH, Ann M. and Catharine H. Roehrig (2002), Magical bricks and the brick of birth, *Journal of Egyptian Archaeology*, 88, p. 121-139.

SANTOS, Moacir E. (2002), *Da morte à eternidade: a religião funerária no Egito do I Milênio a.C.*, Dissertação de Mestrado, Niterói, Universidade Federal Fluminense.

SHORTER, Alan W. (1932), A magical ivory, *Journal of Egyptian Archaeology*, 18, p. 1-2.

SZPAKOWSKA, Kasia (2008), *Daily life in ancient Egypt: recreating Labun*, Oxford, Blackwell Publishing.

WILKINSON, Richard H. (2003), *The complete gods and goddesses of ancient Egypt*, London, Thames & Hudson.

## Sobre a autora

Liliane Cristina Coelho é mestre e doutoranda em História Antiga pelo PPGH-UFF. Membro do Laboratório de Estudos Egíptológicos da Universidade Federal Fluminense. Professora do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval das Faculdades Itecne, Curitiba – PR.

